O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2001- ANO V - Nº 58

EDITORIAL

Este ano que se finda foi todo dedicado ao voluntariado, que no Brasil abandona o amadorismo e busca a profissionalização, para atingir objetivos mais específicos e, assim, atender, com qualidade, a um número maior de indivíduos.

A campanha proclamada pela ONU foi acolhida por centenas de países e conseguiu sensibilizar uma parcela significativa da população, que tem procurado se informar a respeito dessa iniciativa e da maneira de poder se engajar nesse trabalho.

No momento histórico que vivemos, assistimos atônitos a mudanças significativas na sociedade mundial. Cresce a escalada da violência, do fanatismo e da intolerância, que atingem graus inaceitáveis na sociedade. O medo de uma guerra bacteriológica e nuclear é real. A insegurança atinge a humanidade. Tudo fruto do egoísmo e da ambição desmedida.

Do outro lado do mundo chegam-nos notícias e imagens da morte, da fome, do medo e da miséria. Homens, mulheres, velhos e crianças, como gado, perambulam por paisagens áridas. São milhões sem terra, sem teto, sem comida, sem paz.

A consciência ocidental se comove e grita. A ajuda humanitária chega insuficiente. Com o passar do tempo, acostumamo-nos com esse "vídeo-game" que a televisão insiste em mostrar.

De cá, do outro lado das telas, bem próximo a nós, nas ruas, casas e esquinas, trombamos com muitos órfãos de uma guerra crônica que se trava no dia-a-dia de nossas cidades, decorrente da falta de assistência, desamor, omissão, egoísmo e da ausência de políticas públicas sérias e compromissadas.

Este ano do voluntariado tornou-se um divisor de águas. É hora de descruzarmos os braços e efetivamente nos engajarmos em trabalhos contínuos de ajuda ao próximo. O trabalho voluntário não é caritativo, assistencialista, ou fruto da culpa que o inconsciente aponta tirando-nos a calma. É de oferecimento, de partilha, gratuito, calcado no amor, de maneira que faça com que o outro possa crescer e tornar-se um cidadão de fato e de direito. É exercitar a cidadania participativa a fim de promover o crescimento de todos e o aprimoramento da sociedade. A força do amor contagia e transforma. Todos podemos nos doar.

Foto Frank Ferrer Sene

Venha ver o vale daqui! Com 2422m de altura, o Pico dos Marins, em Piquete, é destino de inúmeros grupos de amantes da natureza e esportes radicais.

Pensando no Turismo

Os atentados terroristas a Nova Iorque criaram uma situação de pânico mundial, de maneira que as pessoas estão evitando viajar para a Europa e América do Norte. Com isso, tende a crescer o turismo no Brasil. A Embratur assinala o aumento do número de turistas vindos do exterior bem como os do turismo interno.

As pequenas cidades, buscando uma fatia desse mercado, pretendem, por meio de um marketing bem elaborado, atrair significativa parcela de quem optar por conhecer o interior do Brasil e suas diversidades culturais. O Vale do Paraíba, localizado no eixo São Paulo – Rio de Janeiro – Belo Horizonte, com riquíssimo passado histórico e paisagem diversificada, é um atrativo especial para esses turistas.

Piquete vislumbra, há muito tempo, o desenvolvimento do turismo como alternativa para geração de divisas e crescimento. Este é o momento para efetivar ações. Precisa, no entanto, de urgentes políticas públicas voltadas, principalmente, para questões ambientais. Todo visitante, quando chega pela primeira vez a uma cidade, procura conhecer um pouco de sua história, sua geografia, e observa, com cuidado, como a população se relaciona com seu patrimônio histórico-arquitetônico, paisagístico e humano. Nossa cidade, anichada na Mantiqueira, tem uma paisagem belíssima e um potencial turístico de causar inveja; precisa de cuidados gerais e de projetos que melhorem seu aspecto paisagístico urbano.

A configuração topográfica do município não é das melhores. A cidade cresceu desordenadamente ao longo do Ribeirão Benfica, ocupou os baixios e galgou, com o passar dos anos, suas encostas, desmatando-as. Por outro lado, as matas ciliares foram sendo destruídas, de maneira que hoje não há um trecho sequer delas no perímetro urbano. Tudo isso faz com que o água para abastecimento público venha sendo reduzida. É sabido que quase toda a atividade em que o homem se inter-relaciona com o meio físico provoca alterações ambientais. A cada interferência, os ecossistemas alteram sua dinâmica, buscando novos equilíbrios. A água tratada e cara que a população recebe, gratuitamente, em Piquete, é devolvida ao Rio Benfica em forma de esgoto doméstico.

Pensando no turismo, diferentes projetos integrados entre a administração pública e a população deverão ser desenvolvidos; entre eles o de Educação Ambiental, de maneira que se crie uma consciência preservacionista, melhorando a qualidade de vida dos munícipes.

Para atrair turistas é preciso, entre outras ações: um projeto sério, elaborado por técnicos gabaritados, recuperação da micro-bacia do Benfica, um plano de coleta e tratamento de esgoto, plantio e formação de mata ciliar, recuperação de encostas, taxação da água de forma a coibir o desperdício.

Sabemos que é real a falta de recursos municipais para ações maiores. Porém, a falta de vontade e competência de nossas autoridades está mais do que evidente nos últimos anos. A idéia de Piquete ser elevado à condição de estância turística, já há muito levantada, é mais do que atual. Nesta condição, o repasse de recursos do governo seria maior. Trabalhemos para alcançar esse objetivo.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

Reunião do Grupo Ambientalista Marins (GAM), no Montanhês Clube de Piquete. Foto de 1991.

Grupo Ambientalista Marins - GAM

Nos últimos anos, as questões ambientais têm estado cada vez mais presentes nas preocupações da população mundial, que, aos poucos, se conscientiza de que este nosso planeta é o único que podemos habitar e, portanto, precisa ser tratado com carinho especial. Assim, se o queremos globalmente limpo, equilibrado, proporcionando bem-estar para todos, é preciso o engajamento da população numa cruzada pela preservação do meio ambiente. Desta maneira, cresceu pelo mundo o movimento ambientalista, em que grupos de pessoas conscientes passaram a exercitar a cidadania, cobrando das autoridades a solução de problemas que afetam as mudanças climáticas, destroem a camada de ozônio, poluem as águas e provocam a perda da biodiversidade etc., colocando em risco o planeta.

Em 1990, foi criado, em Piquete, o Grupo Ambientalista Marins – GAM, que, a exemplo de outros, discutia os problemas ambientais inerentes ao nosso município.

Em setembro daquele ano, após contatos preliminares, houve uma primeira reunião no Centro dos Aposentados, que contou com a participação de pessoas de diferentes segmentos da sociedade piquetense, que passaram a elaborar projetos e ações visando à preservação ambiental e à melhoria do nosso patrimônio cultural, artístico e natural.

Nessa ocasião, foi discutida a instalação, em nosso município, da ZP Comércio Ltda. e Soldagens, que provocaria agressão ao meio ambiente, por se localizar na área de APA. Alguns anos de discussões e lutas impediram sua instalação em Piquete.

Em 20 de janeiro de 1991, ocorreu, na Cantina Pérus, a eleição da primeira diretoria do grupo, que foi assim constituída: Presidente: João Gomes de Souza; Vice-Presidente: Sérgio dos Santos; Secretário: Carlos Vieira Soares e Tesoureiro: Oswaldo Peixoto. Participaram dessa reunião, além dos eleitos: Adelaide M. Gomes Coelho, Antônio Carlos M. Chaves, Édson Porto de Miranda, Ernani Beckmann, Leonel Gomes de Souza, Sebastião V. Chagas, Cláudio Roberto A. Peixoto, Andréa Lúcia R. S. Peixoto, Anderson P. Augusto, Rogério de Andrade Costa, Jefferson Batista, Maria Ap. Oliveira, Luciana M. Santos, José Arantes, Antônio Carlos T. S. Barbosa, Hipólito M. Fonseca, João Bosco Ribeiro, Heraldo S. P. Reis, Bernadete A. P. Reis, Aparecida G. Uchôas, José C. Lima, Ariovaldo Saturnino e Olegário Alves Pereira.

O grupo tornou-se muito ativo, preencheu espaços nas rádios e jornais da região, sempre divulgando Piquete e discutindo suas questões ambientais. Promoveu inúmeras reuniões e debates com alunos em todas escolas da cidade, com exposições fotográficas itinerantes. No ano do centenário do município, promoveu uma grande mostra fotográfica contando a história de Piquete, além de exposição de presépios. A partir daí, exposições periódicas, mostra fotográfica nos 50 anos da criação da Escola Industrial de Piquete, que contou com a presença de professores e ex-alunos, mostra fotográfica sobre a música em Piquete, exposição de artes plásticas com temas voltados à preservação do patrimônio histórico e ambiental. Manteve o informativo "O Sentinela", cujo primeiro número circulou em junho/91. A preocupação com o patrimônio histórico fez com que o GAM saísse em defesa do tombamento e preservação da Estação Ferroviária Rodrigues Alves, processo iniciado em 1984, por iniciativa da Câmara Municipal de Piquete junto ao Condephat, que se arrasta até hoje.

No seu curto tempo de existência, o GAM provocou a discussão na sociedade de Piquete de diferentes temas, todos voltados para a melhoria da qualidade de vida da população. Fica o exemplo dessa iniciativa bem sucedida, que hoje, mais do que nunca, precisa ser reativada.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
Ana Maria de Gouvêa

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração*:* Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Seu Juquinha

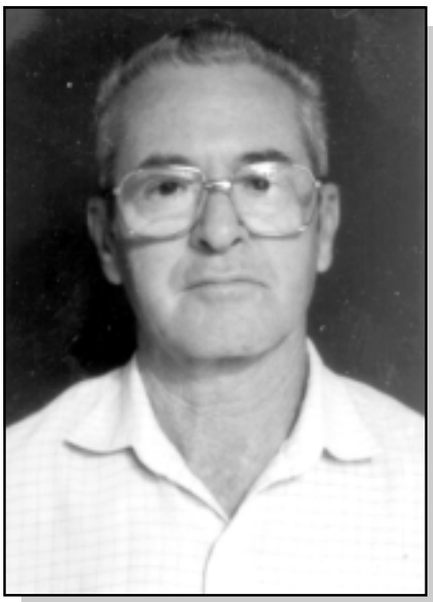
Quem acompanha o dia-a-dia da Igreja Católica de Piquete, com certeza conhece o Sr. José Rosa de Lima, "seu Juquinha", organista da Matriz, que há mais de 50 anos tem nessa atividade sua grande paixão.

Nascido no bairro do Quilombo, em 7 de outubro de 1926, é o mais velho de 6 filhos de Benedito Rosa Lima e Maria Ana de Lima. Fez seus primeiros estudos no próprio bairro. Após a conclusão do 4º ano, passou a ajudar seu pai num pequeno comércio de secos e molhados.

Em 1942, a família transferiu-se para Piquete, onde comprou um antigo armazém na Av. Copnselheiro Rodrigues Alves. Instalaram aí a "Casa Rosa". Após o falecimento de seu pai, seu Juquinha continuou tocando o pequeno comércio, até que, em 1967, uma catástrofe natural penalizou-o por duas vezes: uma tromba d'água, no dia 25-03, destruiu parte do seu estabelecimento, levando seu estoque de mercadorias, causando-lhe grande prejuízo. Reergueu-se com a ajuda dos próprios clientes. Poucos dias depois, a 4-04, outra chuvarada levou-lhe o estoque recém-adquirido. Foi à falência.

Em 1970, começou a trabalhar na FPV, a convite do Sr. Luiz Vieira Soares. Iniciou no 6º grupo, transferindo-se depois para a tesouraria. Mais tarde, trabalhou na J. Armando, onde se aposentou.

Em 1948, passou a fazer parte, como cantor, do Coral da Capela de São José, que tinha como harmonista o Sr. Lorena. Para aprimorar seus componentes, o Coral passou a contar com o apoio do Sr. Olavo Orioste, que lecionava música, na sacristia da Capela, três dias por semana. Apaixonado pelos acordes do harmônio, seu Juquinha passou a ter aulas com aquele músico. Com o falecimento do Sr. Lorena, o Sr. Paulo Lódi, que estava à frente do Coral, convidou-o a assumir o instrumento. Com as noções básicas que lhe foram passadas pelo Sr. Orioste, e muita boa vontade, passou a estudar um método musical, que lhe fora presenteado por Paulo Lódi, todas as noites, após a reza do terço, na igreja São José.



Desse período, lembra que faziam parte do Coral, além de Paulo Lódi, Benjamin, Pedro Ferreira de Castro, Dalton Faria, Geraldo Abreu, Carmem Abreu, Maria Senne, José Cipriano Ramos e outros.

Anos mais tarde, com o afastamento do Sr. Carlos V. Soares do Coral Santa Cecília, o maestro Luiz V. Soares convidou-o para organista da Matriz de São Miguel. Recorda-se dos meses de maio, quando paroquiava Piquete o Pe. João Batista Serafim, ocasião em que faziam uma maratona: o Padre celebrava na Matriz missa com ladainha cantada e bênção do Santíssimo, às 19h e, a seguir, saíam numa correria: o Padre numa charrete, que já o aguardava ao lado da igreja, e Juquinha, de bicicleta, para as mesmas cerimônias na Capela de São José. Seu Juqinha, com as pernas já cansadas de pedalar o harmônio da Matriz, as ladeiras de Piquete, ainda tinha que pedalar o instrumento da Capela de São José. Fazia isto, no entanto, com muito prazer.

Casado há 33 anos com Eveline Galvão Rosa de Lima, tem 3 filhos e duas netas, suas paixões, além da música, é claro.

Coral da Igreja São José, no dia da coroação de Nossa Senhora, 31-05-62. Da e/d: Carmem Abreu, Margarida Piva, Geni Abreu, Ditinha, "João do Tino", Geraldo Abreu, Dalton Faria, João Eleodoro, Altair Viana, José R. Cipriano, Luiz P. da Silva e, ao centro, José Rosa de Lima.

Foto arquivo Pro-Memória

Aldeias de vida

Celso Colombo

Ao participarmos, recentemente, de uma missa em ação de graças, fomos surpreendidos por dezenas de jovens com expressões alegres e transbordantes de felicidade. Que razões teriam esses jovens para tanta alegria, no interior de um templo religioso? A resposta para nossa curiosidade veio a galope: todos eles enfrentaram uma série de desafios que os levaram, em plena juventude, a uma reflexão sobre seus poucos anos de vida. Pode parecer estranho, mas esse grupo de jovens, enclausurado em algum lugar, foi conduzido a refletir sobre atos praticados diante de famíliares e amigos; enfim, de atitudes e comportamentos retratados e registrados pela sociedade. Essa reflexão sobre comportamento e atitudes passados nos fez buscar comparação em seminários gerenciais de que participamos, em que, igualmente enclausurados em hotéis ou estâncias, discutíamos as pessoas e o destino da empresa. Ao final, todos os envolvidos, eufóricos pelo realinhamento da postura gerencial, se comprometiam, entre outras coisas, a vestir a camisa da empresa e a trabalhar em equipe para o sucesso comum. Muitos, porém, não frutificaram, não deram os resultados desejados, levando a empresa a tomar decisões drásticas para assegurar sua sobrevivência. No caso desses alegres jovens, a camisa a ser vestida é a do Cristo e o sucesso é o de estar de bem com a vida, ser responsável, atuante, condutor de ações dignas e perseverança nas orações. Com esse esperado comportamento, esses jovens, recheados de felicidades e reconhecendo os erros cometidos, se comprometem a dar uma guinada em suas vidas. Assim, afastados do vício, das drogas e das mesquinharias, aproximam-se da Igreja, transformando-se nos seus mais novos pilares. Tudo isso é fantástico nesse momento em que o mundo passa por grandes tumultos e agitações. Entretanto, acreditamos ser necessário levar a esses jovens a mensagem da necessidade da continuação dos estudos e a conquista de uma profissão. Com o ciclo fechado, podemos projetar adultos responsáveis, que, atendendo aos anseios e angústias da sociedade, darão, certamente, grandes contribuições e alegrias às suas famílias e ao nosso país. Foi de forma alegre que assistimos à Igreja cumprindo um papel sócio-espiritual, preparando jovens para si e para o país. Esperamos, sinceramente, que essas pequenas aldeias de jovens se transformem em povoados, e que cresçam até a dimensão de nosso país. Com isso, o Brasil, pacífico e festivo, dará um grande salto, reduzindo as desigualdades sociais e as injustiças.

A nós só resta elogiar e incentivar esses jovens, suas famílias e a Igreja, e pedir a Deus que os ilumine e os abençoe em suas caminhadas pelas tortuosas estradas da vida.

Piquete no Censo 2000

Proposição para um caminho

Façamos um estudo dos resultados preliminares do Censo 2000.

O que nos mostram esses resultados?

1 – A distribuição populacional por setores de ocupação

Chama-nos a atenção o fato de que grande parte das cidades valeparaibanas possui a maioria da população nas áreas urbanas; portanto, dedicada aos setores secundário, e principalmente terciário das atividades produtivas. Mesmo nos pólos industriais é comum que as atividades do terciário sejam percentualmente superiores. Sabe-se que as cidades congregam, essencialmente, os setores citados.

Entretanto, em algumas cidades, a população rural, que pratica atividades do primário, sobrepuja a urbana. Além de Cunha, que registra um número relativamente superior, ou seja, 11.952 de elementos da área rural para 11.110 da área urbana, temos o expressivo exemplo de Paraibuna, onde a população rural é de 11.694 para 5.298 da urbana, enquanto que Natividade da Serra apresenta uma população rural de 4.093 para 2.851 da urbana. Temos ainda em sequência:

S. Bento do Sapucaí com 5.728 (rural) para 4.627 (urbana),

Redenção da Serra com 2.420 (rural) para 1.626 (urbana),

Monteiro Lobato com 2.097 (rural) para 1.495 (urbana),

Silveiras com 2.924 (rural) para 2.448 (urbana),

Santo Antônio do Pinhal com 3.286 (rural) para 3.025 (urbana),

Jambeiro com 2.059 (rural) para 1.934 (urbana).

As diferenças entre rural e urbana, nas cidades citadas, são, em ordem decrescente de: 1.101, 794, 602, 476, 261 e 125 habitantes.

2 – A distribuição populacional por sexo

Nas cidades nas quais predomina a população rural numericamente sobre a urbana, o número de homens é relativamente superior ao das mulheres. Destacam-se, pela ordem decrescente do número de homens superior ao das mulheres:

Cunha, com 844, Paraibuna, com 424, Natividade da Serra, com 396, Redenção da Serra, com 286, São Bento do Sapucai, com 189, Jambeiro, com 177, Santo Antônio do Pinhal, com 153, Silveiras, com 146 e Monteiro Lobato, com 100.

Nas cidades nas quais predomina a população urbana sobre a rural é comum ser maior o número das mulheres relativamente aos homens; entretanto, há exceções. E estas são bastante expressivas em alguns casos, como o de Tremembé, onde existem 1.423 homens a mais do que mulheres. Por sua vez, em ordem decrescente temos: Ilhabela com 886 homens a mais que mulheres, Caraguatatuba, com 490, São Luiz do Paraitinga, com 487, Santa Isabel, com 451, Lagoinha, com 214, São José do Barreiro, com 183, Roseira, com 174, Potim, com 168, Santa Branca, com 163, Canas, com 117, Lavrinhas, com 116, e Areias, com 28.

Interessante também é observar que as cidades classificadas como pólos industriais têm sempre expressivos índices de população feminina em relação à masculina. Assim, São José dos Campos conta com 6.739 mulheres a mais do que homens, Taubaté com 3.531 a mais, e Jacareí com 2.106. É muito comum as mulheres migrarem das áreas rurais para as urbanas, e das cidades menores para as maiores, à busca de empregos.

3 – A distribuição das grandes concentrações de população em áreas urbanas.

As áreas urbanas mais destacadas concentram mais população do que as demais unidades do mesmo tipo.

Para os dados de população total, em 01-08-96, a população urbana de São José dos Campos era de 525.897, passando para 532.403 em 2000; e a de Taubaté, de 215.513, passando para 229.810. Dois crescimentos expressivos.

Enquanto isso, a população urbana de Cruzeiro passa de 69.308 para 73.469, e a de Lorena passa de 72.053 para 77.843. Observe as seguintes variações na população urbana, nas cidades turísticas propriamente ditas: Caraguatatuba passa de 71.506 para 78.836 habitantes urbanos; Ilhabela, de 20.252 para 20.744; Campos do Jordão, de 43.352 para 44.238; São Sebastião, de 56.714 para 57.886 e Ubatuba, de 63.108 para 66.448.

Portanto, podemos inferir ou considerar as influências industriais e turísticas marcadas pelas últimas décadas do século XX como elementos concentradores de população urbana e de funções dessa categoria. Sabemos que essas atividades são, destacadamente, pólos de atração de mão-de-obra, hoje mais voltadas para o setor de serviços. Abrem-se duas demandas essenciais: a de mão-de-obra e a de produção de serviços. Estas, ao mesmo tempo, garantem mercado consumidor em expansão. Em época de globalização, o turismo evidencia-se pela localidade, a diferença, o encontro cultural e a diversidade. Abrem-se espaços para o artesanato, mas também para a produção industrial de alimentos, por exemplo.

É a partir dessas considerações que Piquete deveria constituir um apelo turístico, buscando em suas diferenças entre as cidades valeparaibanas o motivo principal. Mas a idéia não deve vir de fora. O povo piquetense é que tem de querer, e começar a criar possibilidades para esses fins, além de apoiar as que têm sido propostas. Entretanto, é também interessante atrelar-se em rede a outras cidades, as vizinhas por exemplo, que, pelo seu contexto social, cultural e paisagístico, compõem unidades e definem interesses mútuos. Nesse caso, além das paulistas, estão as cidades do Sul de Minas, das bordas e contrafortes da Mantiqueira, onde uma linha de divisas foi artificialmente estabelecida. É assim que podemos entender a mensagem da globalização quando considerada como rompedora de fronteiras. Por que não um ajuste de propósitos além dos impedimentos legais?

A viabilidade está exposta nas tendências e no quadro histórico-geográfico. Por que não tentar um planejamento a partir de um diagnóstico investigativo? O novo milênio exige criatividade, novos projetos e junção de forças. O primeiro ano do 3º milênio chega ao fim. Ao contrário de estimular facções, estimulemos ações conjugadas.

Dóli de Castro Ferreira

Vista parcial da cidade de Piquete. Ao centro, a Igreja de São José.

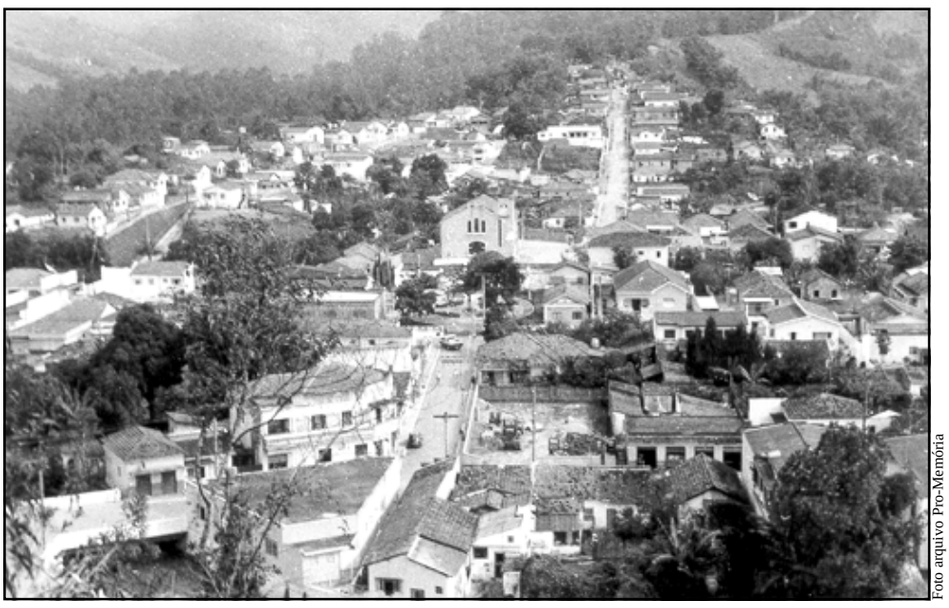


Foto arquivo Pro-Memória

A meditação de Odila

Novembro começa com uma rememoração. Após Todos os Santos, os Finados. Hoje, estas referências esmaeceram nas memórias. Do feriado que restou entre os dois ficou a expectativa do lazer, do consumo, da possível conjugação a um fim-de-semana para a viagem antecipatória das festas de mais um fim de ano. Fruição encadeada ao 15 do mesmo mês, que, esvaziada de sua função histórica, é mais um dia de lazer para antecipar viagem mais longa ou projetos mais imediatos: conclusão de ano escolar, celebrações familiares e as férias de verão com promessas de sol, areia e água. Longe, ou o mais perto possível, na medida do bolso, ou da imaginação.

No novembro, 2, o cemitério é ainda, para muitos, visita obrigatória.

No de Piquete, Odila Bittencourt debruça-se sobre o tempo e dele faz seu mote, traduzido em bom mármore de boa lavra. Seus dedos finos elaboram, aos ventos e ao correr das horas, o tecido da memória.

Odila cercava-se no inicio do século passado de poucos vizinhos, pontuados em outros mármores ou granitos, em pedra, cal, ou apenas terra e pó – os restos de todos somados.

Foto arquivo Pro-Memória

"Alegoria da Saudade", no cemitério de Piquete

No início deste século, ela percebe, meditando sempre, a chegada de muitos novos, reforçando-lhe os laços memorizatórios. No lugar elevado de autoridade, concedido pela elite da qual era derivada, viu e vê passar os cortejos. Seu rosto liso mantém-se incólume, seu pó amalgamou-se aos demais. O véu que lhe cobre o rosto e o manto que lhe cobre o corpo resistem às procelas, pois eram mesmo esses os seus destinos. Em imagem figurada, ela dá sentido ao tempo.

Eternizada na pedra, Odila vê o cemitério se expandir e os túmulos vizinhos se altearem. A verticalidade das gavetas denuncia edifícios na necrópole iniciada antes da emancipação da vila, que via nascer e roteirizar o percurso de seus habitantes.

No repertório de Odila, o imaginário encontra os atributos que marcaram sua presença legitimada nos vizinhos que tem, e sabe que terá. Mas os mistérios da vida fazem de Odila uma guardiã incansável, pois se ela já decifrou no tempo o grande enigma, como portadora da chave, permanece enigmática em si mesma. Odila vigia, pois é da qualidade dela vigiar apenas, e meditar, pois emblematiza o que temos de mais indecifrável: a perenidade conjugada ao amplo vôo da liberdade do desejo da permanência.

Dóli de Castro Ferreira

Pingos da história

Carlos Vieira Soares

Corria o ano de 1926. Nossa pequena paróquia não tinha vigário residente e, por isso, o Vigário de Lorena atendia uma vez por mês, sempre no último domingo, no horário das 7 às 10 horas da manhã.

E nesse domingo, o então Padre Arthur de Moura tinha que se desdobrar para atender a casamentos, batizados, confissões na igreja e aos doentes, catecismo, certidões, etc. Não lhe davam tempo para coisa de menos importância. Daí gozar de popularidade e simpatia da maioria incompreensível, criadora de casos, que existe até hoje em qualquer paróquia.

Não era mau o Pe. Arthur. Só que esse acúmulo de serviços, somado à ignorância religiosa do povo, o tornava ranzinza e vez ou outra se obrigava a destramelar com paroquianos imprudentes e menos avisados.

Muitas pessoas sabiam que essa suposta irascibilidade não passava de extremado zelo por não poder dispensar mais tempo e assistência à nossa pequena e carente paróquia.

O ambiente era esse, lá pelos meados daquele ano, quando foi anunciada uma "Santa Missão", e, de fato, no dia aprazado chegava em Piquete o Pe. Ascânio Brandão, mocinho, atraente, simpático, e que já na primeira pregação cativou todo mundo com sua palavra fácil e agradável.

Foi uma semana de festas e apostolado, e o resultado foi o Pe. Ascânio ficar sendo o "maior", reverenciado por todos, a ponto de não poder sair do hotel sem ser cercado por um enxame de crianças, moços e adultos, dando-lhe vivas e atenções.

Terminada a missão, foi-se embora o Padre Ascânio, deixando saudades e muitas amizades.

Na primeira festa do Padroeiro, os festeiros, pensando ainda na popularidade do Pe. Ascânio, conseguiram do sr. bispo a licença para que o mesmo viesse celebrá-la. O fato foi anunciado por todos os meios de comunicação existentes, isto é, o programa da festa e a voz do povo entusiasmado correndo de casa em casa, nas vilas, bairros, becos e até na roça.

Quinta-feira, pelo trem das três, deveria chegar o missionário e todo mundo tinha que estar lá na Estação para esperá-lo. Ninguém podia faltar.

E de fato, nesse dia, a partir das duas horas começava a aglomeração. Autoridades, associações religiosas, banda de música, foguetes...

Agora, por falar em foguetes, tenho que abrir um capítulo nosso na história.

Naqueles tempos tínhamos cá na terra um fogueteiro que era mestre e doutor na arte. Soltava o rojão com tal perícia, que a vara vinha cair onde ele preestabelecia, sem erro de dez centímetros de raio. Antes de acender o estopim, ele estudava a direção e a velocidade do vento, e deduzia daí que inclinação deveria dar à subida do "bicho". Diziam até que, se quisesse, ele faria a vara cair na cabeça de algum desafeto.

Esse fogueteiro, motivo de orgulho da terra, era o "seu" Caetano, componente do destacamento policial local.

E lá estava o mestre de pirotecnia, garboso, aprumado, rodeado de admiradores.

Chega a hora e com ela, lá na curva aponta a "milevinte", esbaforida, arrastando seus três vagões de passageiros e um de carga.

- Cuidado, Caetano, grita o chefe da festa. Quando eu der o sinal, solte os rojões. Fique de olho!

Caetano assopra o tição de fogo emprestado duma casa próxima e destampa a escorva de propulsão inicial do engenho. Sabia, pelo tamanho do canudo, quantos segundos seriam necessários para que o foguete se soltasse de seus dedos. Olha por cima do povo alvoroçado, à espera do sinal. Assopra o tição mais uma vez. Calmo, calculista, senhor absoluto da situação. Molha na própria saliva o indicador da mão esquerda e o expõe a brisa pra saber a direção exata.

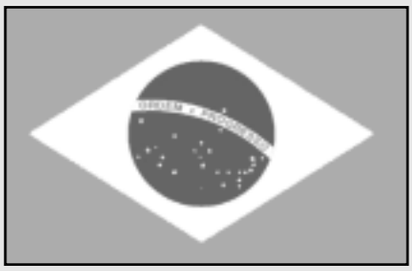
Expectativa geral! A banda de música a postos. A locomotiva vem chegando. Chegou... avançou até perto da caixa d'água para que o vagão de primeira classe ficasse na plataforma. Silêncio absoluto, pois a ordem era para que os vivas só fossem dados quando o Pe. Ascâncio pisasse a plataforma. Tudo estudado direitinho...

A máquina parou e o chefe deu a ordem ao Caetano, que chegou o tição na escorva. Começou a contagem decrescente: 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1... O rojão ia partir quando se ouviu uma voz decepcionada: É o Padre Arthur! O Padre Ascânio não veio.

Desesperado, o Caetano tentou apagar o foguete, cuspindo na escorva. Não conseguiu e o foguete já estava se arrancando de seus dedos. Pela primeira vez, em sua vida de fogueteiro afamado, não sabia o que fazer. O rojão não podia, na sua opinião, festejar outro a não ser o esperado, razão de todo aquele trabalho. O foguete escapou-lhe das mãos e começou a subir, mas ele, dando um pulo, conseguiu segurar a ponta da vara.

O maestro da banda conseguiu fazer parar o dobrado logo após a introdução, mas o Caetano só pôde ver o foguete estourar suas três bombas no meio do povo apavorado.

Hino à Bandeira



Salve! lindo pendão da esperança
Salve! símbolo augusto da paz.
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito varonil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil.

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas
E o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito varonil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil.

Contemplando teu vulto sagrado
Compreendemos o nosso dever;
E o Brasil, por seus filhos amado,
Poderoso e feliz há de ser.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito varonil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil.

Sobre a imensa Nação Brasileira,
Nos momentos de festa ou de dor,
Paira sempre a sagrada Bandeira,
Pavilhão da Justiça e do Amor.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito varonil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil.

Música de Francisco Braga
Letra de Olavo Bilac

Crônicas Pitorescas

Conjuração Verbal

Palmyro Masiero

O distinto desabafando a um professor de Português, seu amigo:

– Acho que vou ter que fazer um cursinho e tentar ingressar numa faculdade de Letras.

– Isso é muito bom – disse-lhe o amigo. – Sempre é tempo para estudar. Pretende ser professor?

– Nem estou pensando nisso! A causa é que já não sei mais nada e os filhos vêm com certas tarefas cujas respostas nem sombras refletem pela minha mente. Meu caçula me deu um banho uma noite dessas, que fui dormir com a impressão de ter na cabeça um par de orelhas de burro!

Perguntou ao professor:

– Quais são os tempos de um verbo?

– Presente, passado e futuro – teve como resposta.

– Pois foi o que eu também disse.

– E não estava certo?

– Certo estava, mas começou a engrossar quando ele me pediu para dar um exemplo de um presente momentâneo. O nome me assustou e eu não disse nada!

–Você poderia ter dito: "Estou estudando para a prova."

– Acontece que não disse. Não parou por aí, não! O moleque quer um exemplo de uma oração no presente-futuro!

– E daí?

– Daí eu disse a ele que se é presente, não pode ser futuro. Pois o bandido do garoto me sai dizendo que o presente é empregado também para indicar um fato futuro. E nem me deu tempo para respirar e já me lança em cima que precisa de uma oração com um presente durativo. Ora bolas, o presente corre e se durar muito, já deixa de ser presente, disse-lhe. Percebi um sorriso maroto nos lábios dele. Afinal de contas, eu deixei de estudar há mais de vinte anos!

– Entendo, entendo o problema... Essa nossa língua é realmente difícil.

– Espera que tem mais... Sabe o que pediu a seguir? Uma frase em que o presente é empregado para indicar um fato repetido, ou seja, como ele disse, um presente habitual! Não é uma loucura?

– É fogo! – foi só o que falou o amigo.

– E olha o absurdo! Presente para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado: presente histórico!

– Funde mesmo a cabeça de quem não está por dentro.

– No meu tempo, o presente era um tempo verbal que exprimia atualidade, do que me lembro. Agora vem o guri com o presente futuro, presente histórico, durativo, habitual... Não dá!... E eu passando por burro!

– Decidiu, então, ingressar na faculdade!

–Vamos dizer que no presente momentâneo, eu "quero" estudar; se utilizar o presente-futuro, se der pé, "sigo" em frente; no presente durativo, vou porque Deus não "nega" a quem precisa; no presente habitual, se conseguir entrar, "vou" à aula todos os dias; e no presente histórico, só mais tarde, se ingressar, o garoto, narrando para os amigos, dirá: "Depois de tanta humilhação do coroa, finalmente ele se "toma" de brios e volta a estudar.

– Mas você está bamba no assunto!

– Isso colei dele... Bamba mesmo estou é na corda da vida, pois depois desta já nem sei mais em que tempo estou vivendo: se agora no presente, no agora de ontem ou no futuro do agora!!!

Anotando

"Nada de inesperado pode ocorrer: tudo precisa ser esperado."
Eurípedes (480 - 406 aC), poeta grego.

Sinésio teve a morte de muitos dos tropeiros nas encostas íngremes da nossa Mantiqueira. O homem e seu animal vitimaram-se nas inclinações agudas que fazem altear os picos e opor ribanceiras de profundas perfurações na pele das montanhas. E esta é uma imagem trágica, sem solução de retorno feliz! A morte é certa porque a gravidade se impõe nas grotas rudes que se adelgaçam ao longe, para estampar, nas luminosidades e sombras, perfis de sonhos e macabras quimeras.

Quantos corpos se juntaram à lama das e nxurradas escorrendo nas argilas dos modelados!

São vasos feitos de vida, são ânforas de eternidades. Jaz Sinésio desmontado de seu cavalo, ambos combalidos a exigir socorro. Mas já é tarde. O tempo dificulta no lugar e na hora. O dia desmaia, na noite insolúvel. Jazem dois seres simbólicos de nossas vidas.

E não é fora de propósito lembrar, mais uma vez, a luta intrépida desses seres conjugados na labuta diária: um mestre do outro, a se reconhecerem em suas naturezas e na natureza das coisas.

Foto arquivo Pró-Memória

Sinésio (ao centro) e dupla caipira.

Uma luta ferrenha se faz do outro lado do mundo, onde aparelhos, os mais sofisticados, de comunicação e localização, se impõem, lado a lado, às bravas tropas de mulas que, reconhecidas como de efeito, garantem a sustentação de quem precisa viajar ou garantir alimento. A própria ONU anunciou a compra de 4000 burros para distribuir toneladas de alimentos nos desvãos das montanhas do combatido Afeganistão, enquanto o bombardeio cumpre sua fatídica missão de desigualar forças. Num tempo de guerras no qual a Rússia oferece vacinas aos Estados Unidos para combater os vetores de um terrorismo biológico. Acontecimento que nos coloca frente aos modos de vida bem sucedidos nos movimentos compassados do tempo registrado em percursos de cartas de caminhos. Com esperança renovada.

Dóli de Castro Ferreira

4º Circuito Downhill Classic Series, em Piquete

Foto Rogério Smith Vieira

Pódium vencedor da categoria Master

Piquete sediou, nos dias 27 e 28 de outubro, a quarta edição do Circuito Downhill Classic Series.

Surgido na segunda metade da década de 70, o Downhill é um esporte no qual o atleta percorre, de bicicleta, uma trilha inclinada. As bicicletas utilizadas pelos praticantes deste esporte utilizam tecnologia de construção avançada e chegam a custar mais de 3.000 dólares.

Os organizadores deste circuito tem procurado levar a caravana para novas trilhas, em cidades com potencial turístico. As históricas passagens das caravanas de bandeirantes e tropeiros por diversas trilhas abertas ao longo do tempo pelos índios que habitavam a região tornaram-se o que há de mais interessante para os praticantes deste esporte. Dessa forma, Piquete foi escolhida para sediar a sua 4ª edição.

Além de divulgar a cidade, a utilização destas trilhas é ecologicamente correta, pois não é necessária a destruição de árvores para sua formação. Em nossa cidade foi utilizada uma trilha existente nas dependências da Fazenda Pouso Alto, de propriedade do Sr. Coura, em meio à Mata Atlântica, ainda hoje utilizada por tropeiros e romeiros, estes últimos vindos de Minas em direção a Aparecida do Norte.

A trilha tem 3.300m de extensão e um desnível de aproximadamente 750m, características que a colocam entre as mais extensas e íngremes para a prática do Downhill no Brasil. De acordo com a organização do evento, Piquete tem capacidade para se tornar passagem obrigatória para todos os praticantes deste esporte e amantes da natureza, já que reúne num só lugar qualidade de trilha e paisagens deslumbrantes.

A 4ª etapa do Circuito Downhill Classic Series movimentou a cidade. Mais de 80 concorrentes, entre eles um campeão paulista e brasileiro, Alcides S. Cruz, o "Juninho", e muitos outros atletas de cidades do Vale do Paraíba e de outros estados, divididos em várias categorias, estiveram presentes. A largada aconteceu a 1560m de altitude, próximo à rampa de asa-delta , e a chegada foi ao Bairro da Tabuleta, a aproximadamente 800m de altitude. Atletas piquetenses também abrilhantaram o evento, que contou com grande público e shows para animar ainda mais o clima.

Acontecimentos como este reforçam a idéia de que Piquete pode se destacar entre as cidades do Vale como local ideal para turismo ecológico e esportes radicais. Basta o apoio e incentivo das autoridades e da comunidade. ***Laurentino Gonçalves Dias Jr.***

Alguns "flashes" do 4º Circuito Downhill

O atleta Marcos Marra, durante descida da trilha, em Piquete.

Foto Rogério Smith Vieira

O atleta piquetense, Arquimedes Conrado, durante descida da trilha.

Foto Rogério Smith Vieira

Piquete e Santa Lydia na III Mostra de Turismo do Vale do Paraíba

Foto arquivo Pro-Memória

Estande patrocinado pela Fazenda Santa Lydia, montado pela FCR na III Mostra de Turismo.

Piquete participou, entre os dias 25 e 27 de outubro, da III Mostra de Turismo do Vale do Paraíba realizada pelo Centro Universitário Salesiano de Lorena. O evento teve como organizadores e apoiadores o SEBRAE de Guaratinguetá e a TV Vanguarda Paulista, e contou com mais de 50 cidades expositoras .

Criado com o intuito de divulgar os segmentos do turismo regional, a Mostra busca a sensibilização de empresários da área de turismo para a necessidade de investimentos no setor, provando que o desenvolvimento turístico provoca uma maior participação das empresas das cidades no crescimento econômico e mostrando aos visitantes o enorme potencial turístico de nossa região.

Assim, por meio do empresário João Carlos Marcuschi, da Fazenda Santa Lydia, que bancou o custo do estande, e com o apoio da Prefeitura Municipal, a Fundação Christiano Rosa montou uma pequena exposição com fotos de Piquete. A resposta foi muito positiva, verificada no grande número de visitantes interessados em conhecer a Fazenda Santa Lydia e no reconhecimento, por meio de elogios, às belezas naturais e arquitetônicas de nossa cidade.

Paulo Noia de Miranda, presidente da FCR, a Vice-Prefeita, Dulce Maia e a Secretaria de Cultura de Piquete, Helena da Costa Alves, por ocasião da abertura da III Mostra de Turismo.

Foto arquivo Pro-Memória

FCR e o Mapa Cultural Paulista

Foato Alzira Beckmann

O presidente da FCR, a Vice-Prefeita, a Delegada de Cultura, a jurada e concorrentes.

Foato Alzira Beckmann

Apresentação do coral da Escola Maria Auxiliadora Ramos.

A Fundação Christiano Rosa promoveu, com apoio da Prefeitura Municipal, no dia 03 de novembro, no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa", a cerimônia de divulgação dos resultados da fase regional do Mapa Cultural Paulista, modalidade Vídeo.

Muito concorrido, o evento contou com a presença da vice-prefeita municipal, Dulce Maia, da Delegada Regional de Cultura do Cone Leste Paulista, Eliane Machado, da Diretora de Cultura de Piquete, Helena Ap. da Costa Alves, dirigentes culturais de cidades vizinhas e vários convidados.

Após apresentação do coral infantil da Escola Municipal Maria Auxiliadora Ramos, sob o comando da Profa. Célia Ap. Alcides (Céia), muito elogiada, foi dada, pela jurada Mii Saki, cineasta japonesa radicada em São Paulo, breve explanação sobre os critérios de escolha aplicados, e, em seguida, apresentados os seis vídeos concorrentes.

Foram escolhidos dois concorrentes, que irão representar a região na fase final, em 2002. Os vídeos vencedores foram "Por quem os sinos dobram", de Zoran Djordjevic, de São Sebastião e "Marcas do Destino", de Samuel José Santana, de Caçapava.

A Fundação Christiano Rosa parabeniza os participantes e agradece o apoio recebido na organização do evento, da Caixa Econômica Federal e do Sr. Mariomar Teixeira, que cederam, respectivamente, poltronas e aparelhagem de som e vídeo, proporcionando, assim, graciosamente, maior brilhantismo ao evento.

O vencedor Zoran Djordjevic durante seus agradecimentos.

Foato Alzira Beckmann

Eliane Machado, ladeada pelo presidente da FCR, Paulo Noia e pela jurada Mii Saki.

Foato Alzira Beckmann

A graça de existir

D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues
Bispo Diocesano de Lorena

A existência não é desgraça, é graça; não é culpa, é alegria de ser. A onipotência de Deus não é um poder que oprime, mas a onipotência de um amor capaz de tudo, até mesmo de morrer, para sustentar no coração de sua criatura predileta a esperança operante de uma vida à altura de sua inalienável dignidade. A encíclica "Fé e Razão", de João Paulo II, retomando uma das orações da liturgia da sexta-feira santa, que a Igreja reza: "Deus Eterno e Onipotente, criastes os homens para vos procurarem, de modo que só em vós descansa o seu coração", afirma que "existe, portanto, um caminho que o homem, se quiser, pode percorrer; o seu ponto de partida está na capacidade de a razão superar o contingente para se estender ao infinito" (nº 24). O problema é que o homem nem sempre o quer. A verdade só se deixa alcançar pela razão quando nós a procuramos com a paixão de quem é capaz de tudo deixar para encontrá-la. Ela é o tesouro escondido e a pérola preciosa que todo homem, ainda que inconscientemente, tenta encontrar através de suas incansáveis buscas. Deus, porém, não deixou jamais o homem abandonado, só, no seu esforço por encontrá-lo. Nós bem o sabemos. Ele veio ao nosso encontro. Aceitar a revelação cristã é, pois, um autêntico ato da inteligência, que, ao reconhecer-se voltada para o infinito, alegra-se pela sua aparição, como dom e graça, resposta de Deus ao coração suplicante do homem, que, do fundo de sua radical pobreza de ser, aguarda uma possível revelação daquele que é pessoalmente o Ser Infinito, Verdade e Vida, origem e destino do Universo.

Notas da Cidade

 A Associação de Turismo Cidade Paisagem promoveu mais um concorrido Café na Roça, com renda destinada à reforma da futura Casa do Artesão. A FCR parabeniza a organização e deseja que este trabalho em prol do turismo em Piquete continue, elevando as chances de progresso de nossa cidade.

 O Professor José Geraldo Evangelista, grande defensor da história valeparaibana, lançou, no dia 15-10, na Casa da Cultura de Lorena, o livro "Retalhos históricos de Lorena". Na ocasião, também foi lançado pelo prof. José Luiz Pazin o livro "Barões do Café", trabalho de pesquisa que relata a história dos titulares do Império no Vale do Paraíba. A FCR parabeniza os autores.

 O piquetense Oscar Vicente Vieira Soares tomou posse, no dia 26-10-01, em cerimônia realizada na Universidade de Taubaté, na Academia Taubateana de Letras. É mais um conterrâneo a elevar o nome de Piquete. A Fundação Christiano Rosa agradece o convite e o parabeniza.

 A Fundação Christiano Rosa parabeniza a administração municipal pela excelente iluminação do prédio do Hospital. O majestoso prédio, inaugurado em 1948, agora embeleza a noite piquetense, num cenário cinematográfico.

 A Fundação Christiano Rosa agradece o recebimento do exemplar autografado do livro "Genealogia da Família Moreira de Andrade", de Jorge de Andrade Costa, e parabeniza o autor pelo trabalho.

 Aconteceu no dia 27-10-01, na Casa da Cultura de Lorena, a premiação do Concurso de Contos "Osmar Muniz Pimentel", do qual a vencedora foi a Profa. Dóli de Castro Ferreira. O evento contou com a presença de muitos convidados, e Piquete, além da Profa. Dóli, colaboradora da FCR, foi representado pela Sra. Élbia Priscila de Souza, que foi classificada na categoria trovas. Parabéns!

Foto arquivo Pró-Memória

Élbia Priscila e Dóli de Castro Ferreira